RESENHA INFORMATIVA

PENSAR É SUPÉRFLUO? REFLEXÃO SOBRE A RECENTE INSTRUMENTALIZAÇÃO TECNICISTA NO CURRÍCULO DA FORMAÇÃO TECNOLÓGICA

https://doi.org/10.5281/zenodo.15566878

ANDRADE, Marcelo Pereira de, Mestre*

*Faculdade de Tecnologia de Praia Grande – Centro Paula Souza
Pça. 19 de Janeiro, 144, Boqueirão, Praia Grande / SP, CEP: 11700-100
Fone (13) 3591-1303
marcelopereiraandrade@ig.com.br

Quando um filósofo sai em defesa do direito de pensar, vão logo dizer: "Não vale!"; "Afinal de contas ele está defendendo seu pão..., sua duvidosa escolha profissional..."; "Que pena! Estudou Filosofia em um mundo prático, e agora precisa afirmar o quanto é importante filosofar...".

Em um mundo instrumental, todas as coisas perdem seu sentido verdadeiro e tudo se transforma numa visão particular das coisas. No mundo das trocas de mercadorias, da economia de mercado, todos tentam vender e convencer os compradores potenciais da necessidade de se obter a mercadoria em questão. Instrumentalização é o que entendemos como um fenômeno moderno que se tornou a marca de nossa civilização técnica, isto é, a conversão instantânea das habilidades do pensamento racional em meios de produção, em ferramentas orientadas para executar tarefas administrativas pré-condicionadas na elaboração dos projetos da transformação da *natureza* em *cultura*.

Não há a verdade, há a utilidade! O mundo se torna um subproduto do pensamento esquemático e isto em todos os níveis: industriais e acadêmicos. Há regras de como fazer uma tese para ser aprovada por uma comissão técnica e há especialistas em fazer tese, o que não implica que produzam conhecimento verdadeiro, mas sim, mercadorias acadêmicas.

Nesse universo da produtividade, em todos os âmbitos da vida, o pensamento crítico é uma mercadoria rara e difícil de vender.

A *Filosofia*, ou a reflexão sobre o mundo, a ciência e a técnica e seu sentido perdem espaço! Pode parecer mesmo uma coisa absurda para muita gente, que alguém tenha que se esforçar para "vender" a atividade reflexiva e pensar que alguém queira "comprá-la". Aos quais respondemos: mas esse é o mundo das trocas, não há outra forma de operação senão a do mercado!

Coisa de desocupados para muitos. Tudo se passa como se no mercado das mais diversas mercadorias, algumas ocupassem um espaço bem reduzido, "supérfluo" por assim dizer, em relação às funcionalidades técnicas, essas sim produtivas, pois fazem acontecer, constroem coisas de verdade e não ficam com tagarelices sem fim que para nada se aproveitam...! Sejamos francos, é o que na verdade muitos técnicos e tecnocratas pensam.

Um professor de disciplinas sociológicas e reflexivas de uma determinada Fatec, ouviu de um diretor o seguinte comentário a respeito do fim das aulas de determinadas disciplinas**:** "Olha, você está na roça! O fato é que você como professor dessas áreas aí... de filosofia, sociologia, não tem o que fazer aqui numa faculdade de tecnologia..., você não tem espaço aqui. A tendência é que você perca o emprego aqui...!" Um colega sociólogo, também professor da Fatec, no interior do Estado, me confessou que após ter conversado com seu diretor, a respeito da implantação de disciplinas de caráter sociológico e reflexivo na grade de um dos cursos da unidade, ouviu o seguinte comentário**:** "Bem, é verdade que não existe nenhuma disciplina que aborde esse ponto de vista da formação, e de fato, talvez, agora com a reforma do currículo seria interessante..., mesmo porque soa como uma terapia para alguns alunos do tipo meio "malucão", dados a essas questões sem soluções!" Sem comentários.

Ainda que fiquemos atônitos, constrangidos em comentar essas observações, não podemos deixar de falar, eis a verdade dos fatos. Porque, se for levado em conta o que pensam e afirmam os nobres diretores a respeito da pertinência de disciplinas reflexivas no currículo de cursos tecnológicos, tais disciplinas cumprem um papel paliativo, se não *medicinal* e seriam um refúgio para mentes atordoadas ou ao menos "estranhas".

Que essas opiniões pedagógicas vigoram no meio tecnológico das Fatecs, bem sabemos que não é novidade. A bem da verdade, a Fatec

tem como filosofia, isso desde que foi criada, a institucionalização de uma formação prática e funcional - produtiva a toda prova e que atenda o desejo de implantação e sofisticação da indústria paulista. O enfoque é técnico e direcionado ao mercado e aos seus investidores. Com isso, o governo do Estado cumpre a meta de oferecer mão de obra qualificada, contemplando o investidor e o cidadão em busca de empregos e oportunidades. Que isso seja, absolutamente, justo e pertinente não se questiona. Em uma sociedade que precisa crescer e ser competitiva em um mundo de mercado globalizado, esse esforço dirigido à formação tecnológica é correto e urgente.

Porém, promover a assertiva, de que a formação do indivíduo pela Fatec deva se pautar no que é "realmente importante" e apenas tolerar alguns componentes curriculares por mero capricho pedagógico**,** demonstra o que caracteriza um perfil de formação redutora, pragmática e autoritária que bem conhecemos pelo nome de "Tecnicismo".

Seria a retomada, a revanche ou, simplesmente, o recrudescimento do que na verdade nunca padeceu a formação profissional brasileira? O tecnicismo grosseiro? No Brasil ele apareceu para atender a demanda por trabalhadores semiespecializados num determinado momento histórico da industrialização brasileira. Com a chegada do capital financeiro internacional**,** que dá início a uma nova etapa do capitalismo mundial, decretando na Europa e nos Estados Unidos o fim do capitalismo industrial, o Brasil foi uma das nações cujo perfil contemplava a aplicação de recursos financeiros em grande escala. Vieram as transnacionais e com elas a formação de um grande mercado consumidor interno. Para habilitar profissionais para a industrialização brasileira tardia, um modelo de formação foi eleito por estar de acordo com o momento histórico.

O tecnicismo surgiu a partir do período áureo do capitalismo total. A produção em larga escala da indústria moderna exigia homens bem treinados para os exercícios de funções produtivas. Nesse período, o produtivismo passa a ser o único foco em educação. Educar se torna: educar para a produção industrial. Tudo o mais que não se enquadra nessa dinâmica produtivista é inútil, supérfluo e deve deixar de existir, isto é, deve ceder lugar ao *prático*. Esse pragmatismo produtivista está de acordo com as necessidades emergenciais - está em pleno acordo com a realidade histórica de um país que assiste a uma mudança política

de extrema direita – motivadas pelo golpe militar de 1964.

A formação cultural do Brasil sempre foi pobre, mas ela se assumiu *medíocre* como se não podendo ter pretensões maiores que não fosse à da qualificação técnica. A coisa se passa como se afirmássemos: "Para nós, um país atrasado, certas coisas são perfumarias, caprichos *inúteis*, para nós o que realmente importa é o fazer técnico, não podemos nos dar ao luxo de tanto refinamento intelectual, temos sim é que crescer economicamente, industrialmente". Não se sabe de onde os responsáveis pela formação concluem que a formação técnica deve ser tão redutora. Seria a economia de tempo afinada com os preceitos da administração total? Seria a necessidade pungente de desenvolvimento rápido, sem que se perca tempo com as lapidações da personalidade formada?

O fato é que aqueles que assumiram a formação profissional no Brasil, nunca possuíram formação pedagógica. São técnicos por excelência. Muitos dos diretores e coordenadores dos cursos de formação profissional em nível médio e superior saíram da indústria – empregados da indústria. Eles assimilaram a escala de valores, a hierarquia da empresa capitalista moderna, os planos, mapas, esquemas e projetos da produção industrial, o ciclo de metas, os fluxos e seus gráficos de estratégia, por fim, habituados com a administração de empresas e sua funcionalidade total. Em determinado momento, muitos deles serão orientados para dirigir a formação profissional, de onde podemos colher certo pensamento que surge como uma piada nos meios escolares, "Eu trabalho na indústria e a noite dou aulas...".

Esses engenheiros e técnicos que assumem a formação profissional no país, nada conhecem de formação pedagógica. A bem da verdade, a maioria caçoa do papel da Pedagogia no ensino profissional. Desqualificam a Pedagogia como ciência - de ser uma ciência séria, produtiva, pois não acreditam em nada que não apresente resultados imediatos, matemáticos. Este perfil está bem de acordo com o que caracteriza a escola profissionalizante que assumiu o tipo de administração empresarial. Discordar dela é perigoso, criticar esse modelo é arriscado.

Ocorre que formação não corresponde a resultados funcionais, os mesmos da linha de montagem. Daí, podemos concluir que esses senhores, à frente da formação profissional consideram um absurdo a discussão que avaliam como estéril, quando ouvem falar de reflexão

sobre o fazer, logo disparam: “Quem faz não pensa” e “Quem pensa não faz”.

O tecnicismo é uma prática de formação desenvolvida para atender a urgência da produção capitalista do final do século XIX e início do século XX. Sua matriz ideológica nos remete aos ensaios e experimentos de Burrhus F. Skinner e Watson, psicólogos que desenvolveram a corrente empírica da psicologia que estuda o comportamento, daí o nome da corrente ser Behaviorismo do inglês (*behavior* = comportamento). O educador Demerval Saviani (2011), um dos maiores nomes em educação no Brasil e no mundo, resume assim as finalidades da pedagogia tecnicista:

A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, a pedagogia tecnicista advogou a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretendeu-se a objetivação do trabalho pedagógico. Buscou-se, então, com base em justificativas teóricas derivadas da corrente filosófico-psicológica do behaviorismo, planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência. Se na pedagogia tradicional a iniciativa cabia ao professor e se na pedagogia nova a iniciativa deslocou-se para o aluno, na pedagogia tecnicista o elemento principal passou a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária. A organização do processo converteu-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção (SAVIANI, 2011, p.155).

Nas palavras do próprio Skinner (1952 apud MYERS, 1999, p.25), a filosofia dos estudos comportamentais assimilada pela formação profissional contemporânea, deve ser capaz de oferecer dados imediatos, respostas definidas pelo cálculo experimental proposto pela realidade.

Segundo Skinner “a boa instrução exige duas coisas: os alunos devem ser informados no mesmo instante se é certo ou errado o que fazem e, quando certos, devem ser orientados para o passo seguinte” (SCHULTZ & SCHULTZ, 1992, p.251).

Ocorre que a formação não se dá por dados quantitativos, por respostas imediatas, mas sim “mediatas”, isto é, refletidas no processo

que está sempre inacabado. Há problemas, dados, que não se resolvem por dados técnicos com precisão milimétrica. Talvez seja por isso que a habilidade de pensar foi dispensada pelos senhores da indústria e pelos senhores que se encarregaram de formar pessoas para o mundo do trabalho. Porque pensar exige tempo e sua produtividade não segue a lógica do capital e a lógica do mercado, mas ocorre a longo prazo e por toda uma vida.

A atual retomada do tecnicismo no interior da formação técnica e tecnológica é parte de um retrocesso educacional perigoso. Que a sociedade escolha o tipo de formação profissional que pretende é essencial, mas a desqualificação de muitos técnicos e autoridades educacionais que dirigem o ensino profissional, no que diz respeito a uma formação plena, é flagrante. O momento exige cautela.

REFERÊNCIAS

MYERS, David. **Introdução à Psicologia Geral**. Rio de Janeiro, LTC, 1999.

SAVIANI, D. **História da Educação**. São Paulo, Cortez. 2011.

SCHULTZ D.P., SCHULTZ S.E, **História da Psicologia Moderna**. Cultrix, São Paulo, 1992.